

**RÉGIS DEBRAY E CARLOS MARIGHELLA:
CRUZAMENTOS E AFASTAMENTOS ENTRE
QUADROS REVOLUCIONÁRIOS NA DÉCADA DE
60 LATINO-AMERICANA**

**RÉGIS DEBRAY AND CARLOS MARIGHELLA:
CROSSINGS AND DEPARTURES BETWEEN
REVOLUTIONARY CADRES IN THE LATIN AMERICAN
60'S**

Vinícius Fávero¹

Resumo: O presente artigo tem como intuito central apresentar o panorama político de aproximação e cruzamento entre dois militantes do movimento marxista-revolucionário e, mais especificamente, do Foquismo Castro-Guevarista: Régis Debray e Carlos Marighella. Ambos foram quadros revolucionários que buscaram discorrer acerca da realidade e materialidade latino-americana através das chaves de análise do Foquismo, sendo Debray uma influência declarada sobre o segundo. No entanto, boa parte da historiografia brasileira que discorre sobre a temática não desenvolve em grande profundidade os tópicos de suas trajetórias e a forma com que ambos os teóricos conectam sua práxis, colocando em maior evidência seus afastamentos. Em sentido de aprofundar as análises acerca do Foquismo Revolucionário enquanto uma análise própria da América Latina em meio ao movimento Marxista, o presente artigo aprofunda estes quesitos, utilizando-se da metodologia da História Cruzada, no sentido de apresentar os cruzamentos entre os autores e como eles ocorrem.

Palavras-chave: Carlos Marighella; Ditadura Militar; Guerrilha; Resistência.

¹ Graduado no curso de História - Licenciatura e Bacharelado na Universidade Federal do Paraná. Email para contato: vini_drecshel@hotmail.com. Endereço para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9475674046858999>.

Abstract: The main purpose of this article is to present the political panorama of approximation and crossing between two militants of the Marxist-revolutionary movement and, more specifically, of Castro-Guevarist Focism: Régis Debray and Carlos Marighella. Both were revolutionary cadres who sought to discuss Latin American reality and materiality through the keys of analysis of Focism, with Debray being a declared influence on the second. However, much of the Brazilian historiography that discusses the theme does not develop in great depth the topics of their trajectories and the way in which both theorists connect their praxis, putting their detachments in greater evidence. In order to deepen the analysis about Revolutionary Focism as a Latin American perspective in the midst of the Marxist movement, this article deepens these questions using the methodology of the Cross History, in order to present the intersections between the authors and how they occur.

Keywords: Carlos Marighella; Military Dictatorship; Guerrilla; Resistance.

O século XX, contexto da *Era dos Extremos* (HOBSBAWM, 1995) e *A Época das Perplexidades* (DREIFUSS, 1996), se faz enquanto um período de turbulências e contradições latentes. No que se refere à sua segunda metade, as tensões e embates (diretos e indiretos) entre as forças capitalistas e comunistas no contexto da Guerra Fria tornaram-se ainda mais acirrados. No entanto, tal dinâmica não quer dizer que essas características e tendências se configurassem de forma homogênea e sem contradições internas. Especialmente no movimento marxista-revolucionário, este período caracterizou um momento intenso de transformação qualitativa de suas perspectivas, debates internos e interpretações. Entre os variados elementos importantes deste processo, destaca-se o surgimento de interpretações e práxis próprias do marxismo-revolucionário voltadas à materialidade do Terceiro Mundo.

Tendo em vista o contexto latino-americano e a materialidade de lutas que ele abarca, o presente artigo se propõe a debruçar-se sobre dois teóricos centrais no estabelecimento e formulação de um marxismo latino-americano: Régis Debray e Carlos Marighella. O recorte aqui efetuado direciona-se na perspectiva de trazer à tona a corrente do Foquismo Castro-Guevarista² enquanto baluarte da estruturação desta nova e específica perspectiva acerca do movimento revolucionário marxista.

Tal corrente, que não surgiu em um primeiro momento já como marxista/socialista e sim nacionalista³, possui dentre seus principais teóricos Ernesto “Che” Guevara (1928-1967) e Jules Régis Debray (1940-). Guevara foi o argentino que ingressou na guerrilha cubana como um médico de campo e acabou se tornando um de seus maiores líderes e ícones. Constituiu-se em um estrategista e guerrilheiro de maestria,

² O Foquismo se configura enquanto a sintetização da práxis estabelecida e iniciada pela revolução cubana. Sendo uma vertente do marxismo (após se encontrar desenvolvida), o foquismo revolucionário encontra sua linha principal de pensamento e defesa de atuação no estabelecimento de uma guerrilha campesina, pautada em um “foco” (que dá nome à corrente), uma célula rebelde e militarizada que precede a formação de um partido revolucionário (como defendido no leninismo enquanto o verdadeiro e definitivo baluarte revolucionário). Este foi desenvolvido centralmente por produções e pela atuação Fidel Castro e Ernesto “Che” Guevara, além dos escritos de autores como o francês Régis Debray.

³ Tal nacionalismo se expressa através de uma busca de libertação frente ao controle e dominação imperialista estadunidense frente a Cuba. Esta configura a pauta central do movimento da revolução do país caribenho até a consolidação de sua vitória, o crescimento de pressões internas da própria população cubana que tomou parte na luta revolucionária, as rupturas com a burguesia nacional, o acirramento de defesas de membros do movimento cuja orientação já possuía cunho marxista e o aprofundamento dos ataques e sanções contrarrevolucionárias tomadas por parte dos EUA.

tornando-se parte do governo cubano, após sua vitória em 1959 e, posteriormente, deixando-o na perspectiva de continuar a luta guerrilheira de libertação latino-americana, morrendo em prol de tal projeto. A obra central por ele escrita na sintetização da teoria foquista é *Guerra de Guerrilhas*.

Já Debray, doutorou-se na Escola Normal Superior de Paris, sendo um seguidor e aluno de Louis Althusser e se aproximando do marxismo desde sua trajetória universitária. O francês torna-se amigo de Fidel Castro e Guevara em sua juventude, ao ir a Cuba, após a vitória da revolução. Tornou-se professor de filosofia na universidade de Havana em 1960. Foi através deste meio que estabeleceu contato em um primeiro momento com Guevara. Aproximando-se do argentino e sua práxis, acompanhou Che na guerrilha da Bolívia, onde foi preso em 1967, mesmo ano em que publicou seu principal escrito, *Revolução na Revolução*. A obra foi publicada, primariamente, nos “Cuadernos”, distribuídos e organizados pela “Casa de las Américas”, organização fundada pelo governo revolucionário cubano com o intuito original de uma casa de publicações intelectuais e culturais de Havana e estender e estabelecer relações socioculturais com diferentes países da América Latina. Atualmente, Debray não mais publica ou dedica seus estudos ao marxismo revolucionário, direcionando seus estudos à chamada “mediologia” (estudo da transmissão de significado e sentido cultural através da língua e imagens). Pouco mais se sabe acerca da trajetória revolucionária de Debray e seu contato com Cuba (e como este se iniciou).

O Foquismo definiu-se como a tendência *mater* de diversas outras análises e tentativas de deflagração revolucionária⁴, sobretudo em seu projeto de uma revolução latino-americana. No contexto brasileiro, o Foquismo foi uma das principais influências que orientou a luta armada contra a ditadura civil-militar de 1964 (MORAES, 2007). Dentre os principais teóricos e organizações que foram influenciados por ele, destaca-se Carlos Marighella (1911-1969) e a Aliança Libertadora Nacional (ALN), organização a qual encabeçou em seus últimos anos de vida e militância.

No entanto, por que focalizar apenas Debray e Marighella, sendo Guevara o teórico central e de produção mais extensa sobre este campo? Tal opção se justifica pela priorização das demais bibliografias e da historiografia⁵ que, ao discorrer sobre o tema como um todo, explicita as conexões entre Guevara e Marighella com maior profundidade, enquanto a presença e influências entre Debray e o brasileiro são deixadas em menor destaque. Tal atitude se faz compreensível, pois há uma aproximação mais direta e declarada entre Marighella e o revolucionário argentino, enquanto também existem discordâncias explícitas referentes à ideia de foco revolucionário no que se refere ao francês. Por mais que Marighella não

⁴ Exemplos de tal influência se veem presentes em movimentos como os da Nicarágua (com a Frente Sandinista de Libertação Nacional), Bolívia (com a guerrilha encabeçada pelo próprio Guevara), Peru (com o grupo guerrilheiro Sendero Luminoso), Colômbia (com alguns grupos atuantes das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) e no próprio Brasil (com a atuação da Aliança Libertadora Nacional e outros movimentos).

⁵ Como por exemplo, uma das obras utilizadas como base deste trabalho *História do Marxismo no Brasil: O Impacto das Revoluções* (MORAES, 2007).

cite a obra de Debray em seus escritos teóricos, em outras entrevistas o militante brasileiro admite a influência do francês sobre suas produções.

Porém o intuito deste artigo é trazer à tona os cruzamentos e elementos que se apresentam na práxis de Debray e Marighella, os quais não são priorizadas por parte da historiografia que se dispõe a se debruçar sobre o tema. A existência dessa deficiência de análise em nossa historiografia pode ser justificada pelo próprio afastamento que Marighella busca colocar em relação a Debray (que será melhor esmiuçado posteriormente neste escrito), por mais que as influências e conexões entre ambos sejam existentes (ainda que não assumidas). No entanto, para que melhor se compreenda a práxis do guerrilheiro brasileiro, os cruzamentos existentes entre ele e outros autores (como Debray), podem ser melhor aprofundadas.

Assim, o artigo tem como intuito central analisar a *práxis* de Carlos Marighella e da corrente foquista, representada no escrito de Debray, analisando suas diferenças, transformações, simultaneidades e permanências. A definição de *práxis* utilizada neste processo é a apresentada no primeiro volume da obra *Cadernos do Cárcere* (GRAMSCI, 1999), de Antonio Gramsci. Nela, o autor utiliza a definição já empregada por Lênin em sua trajetória teórica-política, na qual *práxis* se configura na atuação e militância através da união entre a teoria e a prática, estabelecendo uma relação complementar e vital entre estes conceitos; nunca um sem o outro. Ainda, Gramsci dá prosseguimento ao conceito, discorrendo acerca da “filosofia da práxis” presente na conduta dos

intelectuais orgânicos, como forma de se interiorizar a práxis que qualificará sua atuação (sendo vital para sua configuração enquanto tal), devendo ser assimiladas por estes indivíduos, desenvolvendo um senso crítico-social sobre si e a sociedade.

Dessa forma, na perspectiva metodológica, tal conceito será utilizado ao longo do artigo como instrumento de percepção do sentido das atuações e escritos, ou seja, entre a prática e a teoria dos autores, enquanto um balizador teórico para definir os quesitos e ações a serem analisados.

Além disso, o conceito de práxis também se faz vital pela importância dada aos escritos teóricos dos autores e a relação com sua atuação. Pelas fontes utilizadas nesta pesquisa configurarem-se como manuais políticos e compilados teóricos, sendo que as chamadas fontes “diretas” ou “primárias” de pesquisa serão: o *Minimanual do Guerrilheiro Urbano* (MARIGHELLA, 2018), publicado pela primeira vez em 1969; *Algumas Questões sobre a Guerrilha no Brasil* (MARIGHELLA, 2019), publicado pela primeira vez em 1967 por Carlos Marighella; *Revolução na Revolução* (DEBRAY, 1986) publicado pela primeira vez em 1967, por Régis Debray. Dessa forma, é essencial a vinculação de suas ações e aplicações práticas, pois estas também refletem o sentido e impacto histórico de suas obras. Além disso, também será utilizada enquanto uma fonte “indireta ou secundária” o escrito de Jacob Gorender, *Combate nas Trevas* (GORENDER, 1987), publicado em 1987. Nessa perspectiva, o estudo e conhecimento de seus contextos fazem-se fundamentais no desenvolvimento deste projeto. Com isso, é necessário o estabelecimento

de uma metodologia de análise destas fontes que trate não apenas de suas elucubrações teóricas, mas também de seu impacto direto e prático na realidade material de seus contextos.

Tendo em vista esses elementos, se utilizará, ainda, como referencial metodológico e de análise de fontes, a chamada “História Cruzada”, definida por Werner Zimmermann e Michael Bénédicte. Em seu escrito *Pensar a História Cruzada: Entre Empiria e Reflexividade* (WERNER & MICHAEL, 2018), os autores discorrem sobre esta perspectiva enquanto um processo de exclusão de “identidades individuais” que não possuam um ponto de referência exterior, dando grande importância aos contextos em pesquisas históricas, em busca de se avançar frente à História Comparada. Assim, os cruzamentos a serem apontados através desta metodologia serão os existentes entre as obras que se configuram enquanto “clássicos” do foquismo e as análises e produções de Carlos Marighella.

A escolha dessa metodologia justifica-se por analisar estes “cruzamentos” entre os autores de maneira contextual e contínua, não priorizando um único momento e espaço, assim estando aberta a possibilidades apresentadas pela problemática da pesquisa. Tendo em vista estes elementos, é necessário ressaltar o quanto a trajetória de Marighella o direcionou às teses foquistas e como tal processo de aproximação com a perspectiva da violência revolucionária lhe conectou a Debray, e os difere.

Marighella foi um escritor, poeta, político e guerrilheiro marxista brasileiro. Baiano de nascimento e estudante de Engenharia Civil na Escola Politécnica da Bahia, a qual abandonou para entrar no Partido Comunista

Brasileiro (PCB) aos 23 anos. Em 1936, durante a ditadura de Vargas, foi preso e torturado por subversão, permanecendo encarcerado por um ano. Após sua saída, passou a viver na clandestinidade, sendo preso novamente até o ano de 1945, período no qual enfrentou torturas novamente. Tendo uma vida política extensa e intensa, foi deputado pelo partido, sendo eleito em 1946, e ocupou diversos cargos internos de direção dele. As dissidências de Marighella com a linha central do partido já datavam do período da renúncia de Jânio Quadros. No entanto, a qualidade e forma com que estas são colocadas se qualificam a partir de 1964. Um divisor de águas neste processo se deu no dia 9 de maio daquele ano. Marighella foi alvo de um ataque por parte dos agentes do DOPS, que procuravam matá-lo. Ele foi perseguido e se escondeu em uma sessão de cinema na cidade do Rio de Janeiro. O cinema foi invadido e a sessão foi interrompida, dando sequência à tentativa de assassinato fria e cruel. Marighella resistiu e conseguiu evitar a fatalidade do tiro, mas não conseguiu evitar sua prisão (MAGALHÃES, 2012). Depois de sua soltura, o militante redigiu um livro, *Por que resisti à Prisão* (MARIGHELLA, 1994), expressando não apenas como se deu o processo de sua prisão, mas também seu pensamento e análise política sobre o contexto em que se inseria. No escrito, que toma forma de manifesto político, Marighella não só tece duras críticas à linha do Comitê Central do PCB, defendendo a luta aberta contra o regime recém estabelecido e caracterizado por ele como uma ditadura militar fascista, por conta da ausência de liberdades democráticas, mas também efetuando uma ampla defesa da revolução

cubana, enquanto um exemplo de uma revolução não pacífica latino-americana e demonstrando que o pacifismo não possuía mais espaço em seu contexto (MARIGHELLA, 1994).

Permaneceu no partido até 1967, ano em que o deixou devido às discordâncias que já se tornavam gritantes com a linha central do partido. Tais discordâncias se caracterizavam pelo motivo central que estimula este estudo, pois Marighella já orientava sua práxis em direção a outro projeto há algum tempo antes da efetivação do golpe civil-militar. A vitória da revolução cubana e a denúncia do culto à personalidade efetuada no Relatório Khrushchov ocasionaram uma mudança profunda em sua visão revolucionária, direcionando-o a uma defesa ferrenha da luta armada e da violência-revolucionária como caminho fundamental para a superação do imperialismo norte-americano e da ditadura civil-militar no Brasil. Dessa forma, é essa defesa que o afasta em grande medida das teses centrais do comitê central do PCB, que desde o pré-golpe mantinham uma posição de apoiar as reformas de base de João Goulart, buscar a construção de uma frente ampla com a burguesia nacional e negar a pegada em armas de um processo revolucionário:

Prestes e os principais dirigentes saídos da conferência da Mantiqueira (Diógenes de Arruda, Pedro Pomar, João Amazonas e Maurício Grabois) se entregaram à pregação de um trivial pacifismo. Acreditavam nos bons propósitos da burguesia nacional, então chamada de “progressista”, e recomendavam aos trabalhadores o entendimento com os patrões em benefício do desenvolvimento da economia brasileira (GORENDER, 1987).

A ida de Marighella a Cuba também não continha em si uma simples atitude de adesão a OLAS e uma representação brasileira nesta. A direção do PCB mantinha uma retórica de “solidariedade crítica”⁶ à revolução cubana, rechaçando suas práticas e defesas de uma revolução armada em meio ao contexto latino-americano; mas se afirmando como um apoiador de seu horizonte revolucionário (apesar de não tomar qualquer atitude que fundamentasse esta constatação). Assim, o militante fora à ilha caribenha com o intuito de formalizar um contato com o governo cubano e iniciar a estruturação de um trabalho conjunto, que tinha como fim último a deflagração da revolução latino-americana. Foi nesta viagem que Marighella escreveu o artigo *Algumas questões sobre a Guerrilha no Brasil*. Nele, além de reforçar suas críticas frente ao PCB, Marighella já demonstrava conhecimento e domínio sobre as categorias e percepções próprias do foquismo acerca da conjuntura onde este se inseria em meio ao movimento marxista internacional e o imperialismo norte-americano. Efetuando uma defesa ferrenha da práxis foquista e da revolução cubana como um todo, o autor deixou clara a importância que a guerrilha possui frente à materialidade brasileira e latino-americana. Assim, também

⁶ A direção do PCB desenvolvia asco e duras críticas à revolução cubana e sua vitória frente à ditadura de Batista. Prestes chegou a afirmar que Fidel Castro não passava de um aventureiro pequeno burguês, fazendo com que os atritos entre a linha central do partido e vitória cubana se agravassem. Em vista do seu aparelhamento com os ditames do PCUS, o PCB se afastava de toda e qualquer perspectiva da luta armada em prol da mudança e transformação social.

demonstrou o estágio de afastamento em que se colocava frente às disputas internas do PCB e os ditames do Comitê Central:

A revolução cubana, como parte integrante da revolução socialista mundial, trouxe ao marxismo-leninismo um novo conceito: o da possibilidade de conquistar o poder através da guerra de guerrilhas, e expulsar o imperialismo quando não há guerra mundial e não se pode, portanto, transformá-la em guerra civil.

Esta contribuição teórica e prática da revolução cubana ao marxismo-leninismo elevou a um plano inteiramente novo a guerrilha, colocando-a na ordem do dia por toda parte, em especial na América Latina.

No Brasil este assunto é da maior atualidade e, por isso, apesar da vigilância e da repressão da ditadura militar que massacra nosso povo, em todo o país aumenta o interesse sobre a guerrilha e são discutidos os temas mais importantes.

Que há de fundamental e ao mesmo tempo de mais elementar nas guerrilhas no Brasil? Quais os problemas que nos chamam a atenção? (MARIGHELLA, 2019).

É sabido que os revolucionários cubanos buscavam estruturar mais focos guerrilheiros em todo o continente, sendo a saída de Guevara do governo cubano na busca de estabelecer estes contextos de luta um exemplo disso. No entanto, criou-se uma falsa ideia de que essa era uma pretensão individual de Guevara e de que Cuba teria maiores preocupações no momento, principalmente ligadas à sua sobrevivência no cenário internacional. Entretanto, percebe-se que o próprio governo construía planejamentos em conjunto com Guevara, e o treinamento de militantes estrangeiros para a guerrilha por veteranos e militares cubanos é uma

evidência disso. Outro exemplo se encontra na própria interação de Marighella com Fidel Castro e o Partido Comunista Cubano.

Em sua estadia em Havana, Castro buscou convencer Marighella a que fossem enviados ao Brasil guerrilheiros cubanos que orientariam e encabeçariam a revolução no país. Fidel já possuía planos para a revolução brasileira há tempos, tendo tido contato com militantes, como Brizola, na busca dessa organização. Marighella, no entanto, recusou esta proposição, afirmando que a revolução deveria ser feita por brasileiros, expressando sua resistência a interferências externas (sendo esse rechaço uma herança dos sentimentos vividos durante a interferência soviética no PCB) (MAGALHÃES, 2012). Essa dinâmica também demonstra a forma com que o Partido Comunista Cubano e o governo revolucionário por ele estabelecido não se configuravam enquanto um mero satélite soviético. Cuba possuía seus próprios projetos e a revolução latino-americana pela luta armada era um dos carros chefes entre eles.

Nesse sentido, Marighella mobilizou os últimos anos de sua vida em prol do projeto de revolução voltado à materialidade latino-americana proposto, centralmente, pelo Focismo Castro-Guevarista. No entanto, Marighella também não importou simplesmente um modelo revolucionário já pronto e buscou aplicá-lo à realidade brasileira. Sua militância, e a da organização a qual liderou a fundação e grande parte da atuação (ALN), produziram especificidades únicas direcionadas ao horizonte de uma revolução brasileira.

Uma das críticas centrais de Marighella ao PCB e sua interação frente ao contexto de pré e pós-golpe civil-militar de 1964 se refere ao imobilismo frente às condições do contexto em que ele estava inserido. Dessa forma, o bastião de toda a mudança e possibilidade de transformação a ser obtida e proposta por ele provém da ação, e nada além dela. Para ele (e para o foquismo revolucionário), o dever de todo revolucionário “é fazer revolução, sendo sua ação a vanguarda e possibilidade de mudança” (MAGALHÃES, 2012). Exemplo disso se vê na própria crítica de Marighella frente ao Comitê Central do partido, em sua opção por não enviar representantes à Havana para tomar parte na conferência da OLAS (MORAES, 2007) Tais defesas já se veem extremamente presentes nas teses foquistas, tanto em Guevara, quanto em Debray.

No entanto, é também neste quesito que as obras de Debray e de Marighella se aproximam de uma forma peculiar, que não se vê presente entre o brasileiro e Guevara. *O Minimanual do Guerrilheiro Urbano* (MARIGHELLA, 2018) e *Revolução na Revolução* (DEBRAY, 1986) configuram um caráter muito mais apelativo, panfletário e direcionado à ação. Na verdade, a ação é elemento absoluto de seus escritos, colocando a prática em um âmbito muito mais imediato e necessário do que qualquer análise e perspectiva de aprofundamento teórico. Por mais que o apreço pela ação em detrimento da teoria seja uma característica presente em todo o Foquismo enquanto vertente marxista, as obras de Guevara do mesmo período se dispõem à inserção em um debate interno do marxismo (como em obras de análise de escritos do próprio Marx e Engels). Os contextos em

que Debray e Marighella estavam inseridos quando formularam os escritos aqui analisados lhes exigia e imprimia tal ligação com a ação e sua necessidade. No entanto, há outros elementos que também os conectam em maior medida e em qualidade não tão presente nos cruzamentos existentes entre Guevara e Marighella. Dessa forma, como apontado anteriormente, estes tópicos de aproximação entre ambos serão desenvolvidos de acordo com as categorias de análise da História Cruzada, buscando focalizar dois “Pontos de Cruzamento”: o âmbito teórico e o âmbito prático/tático. Ainda, utilizando o conceito de práxis como descrito anteriormente (ou seja, sua proposição gramsciana), é importante ressaltar que as categorias de cruzamento analisadas serão percebidas e concebidas através da chave de análise que considera a interação dialética entre ambas as frentes.

Debray e Marighella: Cruzamentos e afastamentos

Revolução na Revolução, de Régis Debray, fora uma obra marcante que convulsionou diversas perspectivas revolucionárias em toda a América Latina, principalmente no Brasil. Não apenas a ALN, mas outras organizações como a VPR foram fortemente influenciadas pela obra e análise de Debray acerca do caminho revolucionário a ser estabelecido em direção à vitória sobre o imperialismo e o capitalismo. O escrito fora promovido pelo governo cubano, que garantiu 200 mil exemplares na primeira tiragem do livro. A obra, em vista de seu conteúdo, passou a servir como um divisor de águas no que concerne aos partidos e organizações “ortodoxos” (alinhados ao pacifismo e noções pregadas pelo bloco central

do PCUS) e aqueles que se adequavam a uma nova visão revolucionária para o continente. O escrito se fez tão marcante no que se refere à sua defesa do foco revolucionário, que obrigou diversos atores da esquerda brasileira a se posicionarem de forma favorável ou contrária às suas teses, sendo que as principais críticas referentes ao escrito se direcionavam por conta de seu “militarismo exacerbado” e afastamento de um trabalho de massas e de propaganda aprofundado, algo que dificultaria a aplicação dos métodos em diversos contextos (MORAES, 2007).

Cruzamentos teóricos

No que concerne aos elementos teóricos, há muito a se destacar. Em ambos os escritos, o discurso de combate ao imperialismo é fortíssimo. Os autores, a partir de seu contexto e a materialidade imposta por ele, lidam com um capitalismo, em sua visão, incipiente e de característica semifeudal. No entanto, aqui reside sua diferenciação em relação às perspectivas das demais correntes do marxismo internacional do contexto em que estavam inseridos. Diferentemente das vertentes que os precederam, sua visão sobre semi-feudalismo não era sinônimo da necessidade de uma revolução burguesa que precedesse a revolução proletária. Ao contrário, ela deveria ser socialista, armada e imediata. Sempre se salientando que o dever de todo revolucionário é fazer revolução. Ainda, um dos pontos centrais do foquismo e da proposta herdada

por Marighella é a não submissão da guerrilha a um partido político. O centro e vanguarda da revolução será a guerrilha no campo que, por sua vez, gestará e dará origem ao partido comunista, e não o inverso (como no maoísmo).

Como dito anteriormente, este é um dos principais pontos que diferenciaram o foquismo das demais vertentes existentes neste contexto, criando até certo rebuliço em debates externos sobre a temática:

A guerrilha aparece como a nova vanguarda latino-americana, embrião de um futuro partido revolucionário, mas na prática substituindo os velhos PCs. A grande heresia de Fidel teria sido afirmar: “Quem fará a Revolução na América Latina? Quem? O povo, os revolucionários, com Partido, ou sem Partido”, pois não existe revolução sem vanguarda e essa vanguarda não é necessariamente o partido marxista-leninista. A ninguém é negado o direito de lutar como vanguarda, independentemente de tais partidos.

A nova conjuntura caracterizada pelo advento da Revolução Cubana exigiria a formação de novas organizações adequadas à luta armada. Essas organizações devem apresentar um novo estilo de direção. A direção deve sair das cidades e participar direta e pessoalmente da luta armada e deve ser composta de jovens - devido às difíceis condições da guerrilha (MORAES, 2007).

É irônico perceber que Marighella não poderia se ver mais distante destas recomendações de Debray. Quando deixou o PCB (1967), Marighella já tinha 56 anos e, por mais que seus esforços se direcionassem

ao lançamento da guerrilha rural, suas operações se mantiveram, central e hegemonicamente, em espaço e ambiente urbano.

Debray e Marighella escrevem impulsionando a guerrilha em ambientes diferentes. Enquanto o francês discorre acerca da guerrilha no campo, o brasileiro trata (principalmente) da guerrilha no ambiente urbano, sendo que esta serve como impulso e fomentação de um movimento maior, a própria prática rural. No entanto, em seu livro, Debray tece duras críticas à prática da guerrilha urbana (juntamente com sua defesa da não submissão da guerrilha a um partido de direção, que estaria residindo na cidade), e todas as implicações que ela traz em uma conjuntura maior, atestando que o próprio ambiente urbano faz o militante se “aburguesar” enquanto o ambiente rural, a montanha, “proletariza”. Isso se fundamenta na realidade difícil encarada pelo militante guerrilheiro:

Como um habitante de tais cidades, ainda que marxista-leninista, poderá adivinhar a importância de um metro quadrado de nylon, de uma lata de massa de *ful*, uma libra de açúcar e de um par de botas? Como se diz, “é preciso ter vivido pra saber”. Vistos de fora, são “detalhes”, “caprichos materiais” da luta de classes, “o lado técnico”, portanto, secundário das coisas; reflexos mentais de burgueses, e todo homem, ainda que seja um companheiro, que passa a vida na cidade é um burguês sem sabê-lo, em comparação ao guerrilheiro (DEBRAY, 1986).

Outra similaridade entre os autores é seu princípio contrário à importação de modelos revolucionários passados e de outras regiões. Segundo eles, para se fazer revolução é necessária uma análise constante da

materialidade onde se está inserido e, a partir disso, construir um programa revolucionário específico. Tal processo apresenta-se latente na atitude de Marighella recusar o auxílio e envio de guerrilheiros cubanos para auxiliar na deflagração da revolução brasileira. Tal movimento seria constituído *por* e *para* brasileiros.

Esse discurso expressa a característica do foquismo na busca de afastamento e de se desvincular das análises e ditames que eram impostos aos partidos comunistas de todo o globo, principalmente pelo PCUS e PCC. Para essa teoria, deveria existir um projeto específico de revolução para a América Latina, impulsionando e exigindo cada vez mais do suporte teórico de seus revolucionários. Este quesito também é fortemente trabalhado em suas obras em que, para os autores, o guerrilheiro deve ser fortemente politizado e possuir leituras próprias e com profundidade, sejam elas sociais, econômicas ou de conjuntura. No entanto, é necessário apontar que tal recomendação permanece muito nebulosa em ambos, quase como uma anedota não desenvolvida, reflexão muito mais abordada em autores como o próprio Guevara. Enquanto aspectos práticos, táticos e certas críticas teóricas são extensamente desenvolvidas, este aspecto é apenas citado enquanto “importante”, mas não aprofundado. Marighella, em seu *Minimanual*, recomenda livros de Guevara e de outros autores para este intuito, demonstrando as influências diretas destes sobre sua trajetória. No entanto, não recomenda o escrito de Debray, nem o cita em momento algum.

Em sua obra, Debray discorre também acerca de outras correntes do marxismo. No entanto, tal dinâmica não possui um caráter de debate ou análise de perspectivas teóricas e chaves de análise. Até mesmo neste momento, o escrito de Debray é muito prático. Uma das que recebe maior destaque é o trotskismo. O autor não só direciona duras críticas à vertente, mas também a acusa de efetuar um desserviço revolucionário na conjuntura daquele momento. Dentre as diversas críticas, se aponta o costume trotskista em buscar submeter a realidade e materialidade a uma conclusão pré-estabelecida de análise, configurando assim uma “metafísica cheia de boas intenções”, apesar de não efetuar um processo de análise dela em grande profundidade teórica (DEBRAY, 1986).

Um elemento em que o cruzamento também se faz presente é na leitura (muitas vezes equivocada) da mobilização das massas em prol da guerrilha, seja ela urbana ou rural. Marighella, em sua obra, afirma diversas vezes que a população dará apoio aos grupos revolucionários, assim que perceberem que estes lutam em prol de seus interesses, dos interesses populares, enquanto os agentes repressivos os exploram e atacam (MARIGHELLA, 2018). Já Debray analisa que as massas populares irão progressivamente apoiar a guerrilha rural, por esta lutar e conquistar recursos em defesa da população enquanto o exército do governo para explorá-la.

Assim, ao serem analisados a conjuntura e o contexto do período, percebe-se que essas leituras nem sempre são condizentes com a realidade. O próprio caráter do golpe civil-militar de 1964 já revela uma realidade em

que parte das massas defendiam os agentes repressores, que obviamente não eram vistos por eles enquanto tal. Nessa perspectiva, percebe-se, por exemplo, que a leitura de Debray e Guevara acerca da mobilização dos operários bolivianos mostra-se equivocada, gerando posteriormente a prisão de Debray e a morte de Che.

Por fim, a práxis de ambos os autores se aproxima em grande medida também em outro quesito. Tanto Debray quanto Marighella possuem um elemento em sua trajetória que os diferenciam de outros militantes, como o próprio Guevara. Em ambos os escritos, o apreço pela ação e a perspectiva de que ela é o único elemento que fustigar a carruagem revolucionária da História é gritante. Dessa forma, por mais que em diversos momentos de suas obras demonstrem seu apreço pelo desenvolvimento de leituras e conhecimento da teoria política e do marxismo, sua atuação muitas vezes se afasta disso. Isso se dá, em grande medida, pela característica muitas vezes exacerbada de militarismo em ambos os escritos, *Revolução na Revolução* e o *Minimanual do Guerrilheiro Urbano*. Não apenas isso, o caráter central de sua práxis e obra se direcionam em impulsionar atuações e ações em detrimento da teoria e desenvolvimento da análise desta, configurando uma análise quase anti-teoricista.

Cruzamentos práticos/táticos

Já nos preceitos práticos e táticos, durante a leitura de ambos os escritos, evidencia-se, em diferentes momentos, a proposição de estabelecimento de uma guerra tanto militar, quanto psicológica, frente ao

imperialismo e ao capitalismo. Isso se expressa a partir do embate ideológico que também deve ocorrer nas práticas guerrilheiras, a fim de derrubar ambos os modelos em todas as frentes. Os preceitos de mobilidade, vigilância e desconfiança constante são vitais em ambas as obras, garantindo a sobrevivência e efetividade do grupo guerrilheiro em sua atuação. Para isso, também se faz necessário o conhecimento em detalhes do território onde se está inserido, conhecimento este que deve ser mais desenvolvido do que o do inimigo, garantindo dessa forma uma maior possibilidade de ação e vantagem de planejamento.

Também se tem como possibilidade, por parte do grupo guerrilheiro, da incorporação de militares que desertassem:

Para poder funcionar, o guerrilheiro urbano tem que estar organizado em pequenos grupos, dirigidos e coordenados por uma ou duas pessoas, isto é o que constitui um grupo de fogo.

(...)

(...) Quando existem tarefas planejadas pelo comando estratégico, estas tarefas tomam preferência. Mas não há tal coisa com um grupo de fogo sem sua própria iniciativa. Por esta razão é essencial evitar qualquer rigidez na organização para permitir uma maior quantidade de iniciativa possível por parte do grupo de fogo. O velho tipo de hierarquia, o estilo do esquerdista tradicional não existe em nossa organização (MARIGHELLA, 2018).

Além desses elementos, uma determinada independência e liberdade de ação por parte do grupo guerrilheiro, em perspectiva identitária, são vitais para os autores. O movimento deve, sim, responder a um comando

único (que não pode estar sujeito a um partido ou organização), mas também deve ter liberdade para desenvolver sua “criatividade militante” e a capacidade de tomar decisões rápidas. Estes guerrilheiros devem receber um treinamento específico para sua formação, caracterizando um processo de treinamento militar e político.

Por fim, é importante destacar uma diferenciação entre a práxis desses autores. Por mais que ambos apresentem uma perspectiva de união entre os fatores político-militares até a vitória da revolução, Marighella e Debray revelam desacordos (deixados explícitos pelo primeiro). Não só pela ênfase e primazia dada à guerrilha urbana pelo brasileiro (que a defende explicitamente como um aspecto característico do contexto brasileiro), e a condescendência por esta apresentada pelo francês, mas também no que concerne à adesão de massas e à propaganda armada. Carlos Marighella, nesse sentido, apresenta uma aproximação muito maior com a perspectiva castro-guevarista acerca do foquismo, fazendo com que a propaganda armada (criticada por Debray em seu escrito) torne-se uma estratégia fundamental nas ações da ALN:

A propaganda armada, tão duramente criticada por Debray, aparece no Minimanual do Guerrilheiro Urbano tanto em sua forma castro-guevarista mais clara, isto é, como resultado de ações armadas concretas contra o governo, como também em sua forma “condenável”, isto é, por meio da difusão de textos, ocupação de emissoras, de serviços de alto-falantes e até mesmo de cartas enviadas para listas de endereços. O objetivo é ganhar o apoio de uma parte da população e pelo menos a neutralidade da outra parte (MORAES, 2007).

Ainda, Marighella afirmou estar em desacordo com Debray acerca da centralidade do “foco”. Isso não significa que se opusesse à ideia da guerrilha rural (defendida pelo mesmo como o carro chefe da libertação latino-americana) no Brasil, mas, sim, acerca do grupo inicial de guerrilheiros estabelecendo-se e se movimentando através da forma “clássica” apresentada por Debray. Para o autor, era necessário o firmamento de um “tripé” na ofensiva contra o imperialismo, através da guerrilha urbana, guerrilha rural e a guerra psicológica (estabelecida muitas vezes pelo terrorismo revolucionário), que também aparece em Debray, por mais que de maneira diferenciada.

Neste sentido, tratando das relações e cruzamentos existentes entre as obras de Marighella e Guevara, o processo mostra-se distinto. Isso se dá justamente pelo afastamento que Marighella apresentava com algumas das posições adotadas por Debray, principalmente no que concerne à estruturação do foco insurrecional. Por mais que o próprio Marighella houvesse admitido a influência de Debray em seus escritos, há um “apagamento” de sua presença no *Minimanual do Guerrilheiro Urbano*. Enquanto Guevara é citado, recomendado e apresentado como referência revolucionária no escrito, Debray é ausente, mesmo com seu livro encontrando-se em circulação há dois anos e tendo impactado em grande medida a mentalidade e a forma com que operava a esquerda armada brasileira.

E qual o motivo para este movimento? A hipótese mais plausível se encontra na diferenciação entre o próprio Debray e Guevara. O ponto central dessa diferenciação se encontra justamente no quesito do militarismo e do trabalho de massas. O escrito de Debray possui um caráter mais militarista, no sentido de colocar todas as soluções e caminhos estabelecidos em direção à vitória revolucionária nas ações da coluna guerrilheira e no estabelecimento do foco insurrecional. Dessa forma, o tópico de contato e trabalho de massas é pouquíssimo aprofundado, sendo até mesmo depreciado em certos momentos. No entanto, por mais que o debate acerca do trabalho de massas seja desenvolvido em Marighella, o militarismo de Debray também se faz presente em sua práxis, em sua própria característica (com particularidades de fomentação, como por exemplo, a do terrorismo revolucionário).

Considerações finais

Analisando os elementos apresentados pelo artigo, é perceptível a característica intrínseca do Foquismo Castro-Guevarista enquanto uma vertente do Marxismo Revolucionário, com um grande apreço e apelo pela ação em detrimento da teoria. Este processo se vê presente centralmente pelas condições e o panorama onde esse movimento se inseriu em uma corrente mais ampla (o marxismo) que, naquele momento, encontrava seus debates engessados e afastados de uma práxis que os direcionasse a violência revolucionária.

Diante deste contexto, debruçou-se sobre os cruzamentos existentes entre dois quadros revolucionários, cujas conexões entre si foram apresentadas de forma subalterna frente às incidências entre Guevara e o guerrilheiro brasileiro. Por mais que Marighella encontrasse uma aproximação clara com Guevara através do tópico do trabalho de massas dentro do processo revolucionário nos moldes foquistas e explicitasse seus desacordos com Debray acerca da ideia do “Foco Revolucionário” e da guerrilha urbana, está clara a incidência de elementos e características da interpretação da práxis foquista do francês sobre ele. Características estas que, por mais que negadas por Marighella ao não o apontar como uma influência direta em sua obra, se fazem gritantes em aspectos como os do militarismo e anti-teoricismo na luta revolucionária.

Referências

BRUIT, Héctor H. *Revoluções na América Latina: O que são as Revoluções? México, Bolívia, Cuba e Nicarágua*. São Paulo: Atual, 1988.

CLAUDÍN, Fernando. *A Crise do Movimento Comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

DEBRAY, Régis. *Revolução na revolução*. São Paulo: Centro editorial latino-americano, 1986.

DREIFUSS, René Armand. *A Época das Perplexidades: mundialização, globalização e planetarização: novos desafios*. Petrópolis: Vozes, 1996.

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas: A Esquerda Brasileira: das Ilusões Perdidas à Luta Armada*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.

GRAMSCI, Antonio. COUTINHO, Carlos Nelson; HENRIQUES, Luiz Sérgio; NOGUEIRA, Marcos Aurélio (Ed.). 1891-1937. *Cadernos do Cárcere*. Tradução de: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v. 1.

GUEVARA, Ernesto Che. *Escritos y Discursos*. Havana: Editora de Ciencias Sociales, 1977.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric. *Revolucionários*. São Paulo: Paz & Terra, 2015.

MAGALHÃES, Mário. *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARIGHELLA, Carlos. *Chamamento ao Povo Brasileiro*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

MARIGHELLA, Carlos. *Minimanual do guerrilheiro urbano*. Disponível em:

<<https://www.documentosrevelados.com.br/wp-content/uploads/2015/08/carlos-marighella-manual-do-guerrilheiro-urbano.pdf>> Acesso em: 14 maio 2018.

MARIGHELLA, Carlos. *Por que Resisti à Prisão*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MORAES, João Quartim de et al (Org.). *História do Marxismo no Brasil: O impacto das revoluções*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

Recebido em: 05/03/2021

Aceito em: 04/08/2021